

# Pastore vai buscar acerto final no FMI



Figueiredo recebeu um memorial dos agentes de viagem

"Amarrar tudo" para que o board do Fundo Monetário Internacional (FMI) aprove, em sua reunião do próximo dia 18, a terceira carta de intenções do Brasil é o objetivo da nova viagem que o presidente do Banco Central, Afonso Celso Pastore, inicia hoje aos Estados Unidos. "A posição é a mesma: o programa de ajuste é intocável e continua sendo possível executar tudo o que está na carta de intenções. Por isso, tudo vai ser normalmente aprovado no dia 18" — disse Pastore, ao explicar os encontros de amanhã, em Washington, com o FMI, e de quinta-feira, em Nova Iorque, com os dirigentes dos catorze bancos internacionais que integram o comitê de assessoramento da fase 2 da renegociação da dívida externa brasileira.

"O Decreto-lei nº 2.065 ainda deixa o programa de ajuste muito parecido com o que era antes. Não mudou nada de essencial" — afirmou Pastore, também sem alterar o tom risipido das suas conversas com os jornalistas credenciados junto ao Banco Central. Para "esclarecer cálculos e discutir eventuais pontos não computados corretamente pelo FMI", acompanham Pastore nesta permanência de dois dias pelos Estados Unidos o superintendente do Instituto de Planejamento Econômico e Social (IPEA), José Augusto Arantes Savasini, e os chefes dos departamentos econômico e de operações internacionais do Banco Central, Alberto Furuguem e Carlos Eduardo de Freitas, respectivamente.

O presidente do Banco Central garantiu que não leva qualquer proposta adicional aos credores externos: "A viagem será pura e simplesmente para discutir tecnicamente o problema do déficit público". Assim, a preocupação maior da comitiva será convencer o FMI e os banqueiros que a rejeição do Decreto-lei nº 2.045 pelo Congresso Nacional e o envio imediato do 2.064 "não mudaram nada de essencial e que a posição do governo brasileiro permanece a mesma".

A viagem de uma missão brasileira aos Estados Unidos para explicar o novo decreto-lei já estava prevista desde o início da semana passada, mas ontem, após mais de quatro horas de reuniões com os ministros do Planejamento, Delfim Netto, e da Fazenda, Ernane Galvães, no Palácio do Planalto, Pastore procurou afastar qualquer expectativa nova em sua decisão de engrossar o número de representantes do governo brasileiro em Washington e Nova Iorque: "será uma rodada de conversações puramente de rotina. Após a edição do novo decreto-lei, já conversei com todo mundo e está tudo normal. Está tudo jóia".

A ida aos Estados Unidos afasta a hipótese do board do FMI esperar a visita ao Brasil dos técnicos do organismo para só depois aprovar o programa brasileiro e a carta de intenções de setembro último. Embora qualifique a sua viagem de rotina, dentro do processo normal de conversações com os credores, Pastore preferiu evitar a previsão sobre a data em que será possível anunciar o efetivo reescalonamento dos compromissos externos do país para este ano e o próximo: "Isso só será anunciado à Nação quando os contratos forem assinados. Mas, por enquanto, todo mundo está aceitando o programa apresentado pelo Brasil" — ressaltou o presidente do Banco Central.